



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v18i2>

“CLARICE LISPECTOR, VOCÊ ESTÁ ONLINE? ESTOU!”: DEBATENDO O TERRITÓRIO DA AUTORIA EM REDE SOCIAL

OTON MAGNO SANTANA DOS SANTOS*

 <https://orcid.org/0000-0002-6872-4799>

REBECA FABIANA FERREIRA DA SILVA SANTOS**

 <https://orcid.org/0000-0002-3910-3053>

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar de que forma as noções de autoria e propriedade intelectual são percebidas através de publicações veiculadas de autoria não confirmada associadas à assinatura da escritora canônica Clarice Lispector em plataformas digitais, em sites como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Pinterest*. Para tanto, buscou-se depreender a forma pela qual os textos são recebidos pelos internautas, quando não, elencando suas possíveis propostas em nível de produção de texto, de demais aspectos gráficos e sentido em meio *web*, à luz de estudiosos como Roland Barthes (2004), Roger Chartier (1990, 1998, 1999, 2002, 2010), Cora Rónai (2006), Michel Schneider (1990), dentre outros.

Palavras-chave: Autor. Autoria. Produção de texto. Clarice Lispector. Redes sociais.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the notions of authorship and intellectual property are perceived through published publications of unconfirmed authorship associated with the signature of the canonical writer Clarice Lispector on digital platforms, on sites such as Facebook, Twitter and Pinterest. To this end, we sought to understand the way in which texts are received by internet users, when not, listing their possible proposals at the level of text production, other graphic aspects and meaning in the web environment, in the light of scholars such as Roland Barthes (2004), Roger Chartier (1990, 1998, 1999, 2002, 2010), Cora Rónai (2006), Michel Schneider (1990), among others.

Keywords: Author. Authorship. Text production. Clarice Lispector. Social media.

* Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, Docente do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia, campus XX – Brumado-BA, Professor credenciado ao Programa de Estudo de Linguagens da UNEB, Campus I – Salvador-BA e líder do grupo de pesquisa LEALLL – Linguagens e Educação: Alfabetização, Leitura, Linguística e Literatura. Email: otonmagno@gmail.com.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, campus I. Mestra em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia, campus I. Letróloga pela Universidade do Estado da Bahia, campus I. Email: rebeca.ff.ss@gmail.com.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na historiografia literária, a figura do autor, sobretudo a partir do século XIX, ganhou destaque, a ela se devotando respeito pela qualidade atribuída à(s) sua(s) obra(s) (Schneider, 1990). A partir dessa perspectiva, é inegável admitir que, ainda hoje, as categorias que regem o que se chama de instituição literária são as noções de autor, produção literária, obra e direitos autorais (*copyright*) (Chartier, 2002 *apud* Borges, 2010). Destaca-se, ainda, que os privilégios dos quais goza a figura autoral (canônica) se devem ao seu papel de hegemonia no seio da literatura perante seus escritos, configurando, assim, o que se conhece por sua propriedade intelectual.

Contudo, nas últimas décadas, muito se tem discutido acerca dos territórios da autoria e da produção textual. O território outrora intocável do nome do autor, alicerçado em um panorama de hegemonia e impenetrabilidade, passa por transformações, juntamente com o estremecimento acerca do que está suscetível a ocorrer no contexto das produções textuais. Segundo Leyla Perrone-Moisés (1990, p. 94), “[...] a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas”. Nenhum texto funciona como algo puro ou encapsulado; da mesma forma, portanto, não faz sentido preservar conceitos que não mais se aplicam com relação às produções textuais.

É preciso admitir que as hierarquias valorativas responsáveis por constituir as noções de “anterioridade”, “autenticidade”, “originalidade” e “imitação” (Perrone-Moisés, 1990, p. 94) estão em um processo gradativo de desuso. Sobre isso, Roger Chartier (2010, p. 9) realça o questionamento:

Como manter o conceito de propriedade literária, definido desde o século XVIII a partir de uma identidade perpetuada das obras, reconhecível, qualquer que seja a forma de sua publicação, num mundo em que os textos são móveis, maleáveis, abertos e nos quais [...] cada um pode, no momento de começar, encadear, continuar a frase, e, sem que ninguém se preocupe realmente com isso, alojar-se nos seus interstícios?

O panorama literário contemporâneo enfrenta constantes mudanças quanto à circulação e divulgação de produções textuais. No contexto da era digital da contemporaneidade, em que circulam com mais abundância informações de diversas fontes, mostra-se como algo dispendioso ser cuidadoso quanto à verificação da validade das fontes de informações que são compartilhadas, o que reflete diretamente no contexto literário quando se trata da autoria de obras/textos. Como se pode, de fato, validar uma autoria como verdadeira em tempos de informação compartilhada em massa e constantes avanços tecnológicos?

De acordo com Cora Rónai (2006, p. 14), “Quando as palavras circulavam apenas em impressos, já era difícil desfazer equívocos assim; com a popularização da internet, [...] restabelecer a verdade se tornou praticamente impossível”. Estar conectado em uma rede mundial de computadores, que dispõe de milhões de domínios sobre os mais diversos temas, produtos e serviços não assegura que a informação que chega ao usuário seja verídica.

Textos de autoria desconhecida ou incerta, os chamados textos apócrifos sempre existiram desde os primórdios da escrita em nível de produção textual. Exemplo dis-

so são os textos que remetem ao período de escrita da Bíblia, que são motivos para debate e incertezas até os dias atuais. “Como praticamente todos os males de que acusam a Internet, [os textos apócrifos] [...] existem desde o começo dos tempos, [...] desde que o homem começou a registrar seus pensamentos” (Rónai, 2006, p. 13).

Tal tendência abre diversas brechas para modificações no contexto do que prevaleceu, através de diversas gerações, no âmbito da literatura, como fronteira intransponível - o direito à propriedade intelectual do autor. “[...] de acordo com Chartier (1990, p. 27), o termo “apropriação” é visto como “a maneira de usar os produtos culturais” [...] (Borges, 2010, p. 95). As técnicas de apropriação textual atendem a uma nova perspectiva no segmento da literatura contemporânea. Para além de uma nova forma de composição textual, segundo Leonardo Villa-Forte (2019, pp. 207-208),

[...] a apropriação é tão mais interessante quanto maior for a habilidade do autor [...]. Não é apenas o fato de um trabalho ser feito por meio de apropriação que o torna interessante, mas a maneira como se maneja a linguagem apropriada, como se trata o texto, de que forma o leitor/pensador é engajado nas questões apresentadas e quais questões são essas disparadas pelo trabalho realizado.

Não é novidade, no contexto da literatura, a existência de práticas apropriativas, que abalem as noções tradicionais de autor e autoria: “Essa prática de assinar obras alheias ou atribuir a outros sua própria criação sempre foi uma característica da produção literária, cuidadosamente escondida do público, para evitar escândalo entre os menos avisados” (Leminski, 2011, p. 125).

Na era digital contemporânea, embora a questão da propriedade intelectual este-

ja passível de modificação, ainda há a problemática em estabelecer/definir a autoria de diversos textos disponíveis em meio digital (Rónai, 2006). Tendo isso em vista, é relevante reconhecer, em níveis histórico e literário, a existência de modalidades distintas de produção e disseminação dos discursos, nos mais variados contextos, e o papel dos agentes responsáveis por atuar nesse processo (Chartier, 1999), que se propõe válido para reconhecer as mais distintas modificações que vêm ocorrendo no segmento literário e as ferramentas utilizadas.

2. O AUTOR, SUA LEITURA E A ERA DIGITAL-CONTEMPORÂNEA

A figura do autor e sua relevância no meio literário passaram por diversas transformações em distintos períodos da história da literatura. Em determinado momento, mais precisamente na Idade Média, era comum que vários indivíduos encabeçassem a autoria de uma obra sem se importarem em assiná-la ou em designar uma pessoa responsável pelo seu fechamento (Cavaleiro, 2008), ao mesmo tempo em que se considerava louvável a ideia da imitação - imitar ou reproduzir algo já escrito por outrem conferia prestígio ao antecessor - já que esse era digno de ser “copiado”. Não havia preocupação ou afincamento em atribuir um nome a uma produção como depois vem a ocorrer.

Com o período renascentista, sobretudo no Ocidente, a partir de mudanças ocorridas nas configurações políticas, sociais e culturais, deu-se início a um processo de exaltação do indivíduo. Isso acarretou transformações em diversos segmentos, incluindo no meio artístico-cultural, com o enaltecimento

mento do criador-autor. Posteriormente, nos tempos pertinentes à Inquisição, era comum queimar livros que transmitissem condutas contrárias à época, e, para que os responsáveis por escrevê-los pudessem ser identificados e julgados, a autoria deveria estar definida nos escritos.

Nos séculos seguintes, a impressão sobre o autor sofreu tamanha modificação que aquele que assinava ou esculpia uma obra era identificado como *gênio* – um ser que recebia um chamado espiritual tinha um dom incomum e, portanto, intransferível (Mukarovsky, 2006).

Que importa quem fala? Ainda hoje, a importância dada a uma obra ainda está diretamente atrelada a um *status* também vinculado a quem a assina, previamente construído e reforçado pelo cânone literário, atrelado à elite social, “[...] a caracterização da leitura como a atribuição do texto a um autor” (Chartier, 1999, p. 198). O nome do autor ainda dita a recepção do público leitor, afinal não se trata de uma palavra cotidiana, e sim de escritos pertencentes a um determinado contexto literário. Conforme afirma Foucault (2002, p. 12), “Os problemas colocados pelo nome do autor são complexos [...]. O nome do autor não é, pois, exatamente um nome próprio como os outros”.

Em se tratando das problemáticas que circundam o território da autoria em meio digital, é certo que veicular um texto no mundo virtual, assinado por um autor aclamado, atrai muito mais atenção e “respeito” para aquele escrito, pois, conforme afirma Rónai (2006, p. 14) em uma das hipóteses que pode explicar a contínua circulação de textos apócrifos em meio digital, é que “[...] o que vale é a mensagem, não importando quem a tenha escrito” – ou o quê.

Barthes (2004) afirma que o autor precisa sair de cena para que os escritos ganhem sentido - sentido esse conferido pelo leitor. Isso se relaciona também a como o autor, enquanto figura de poder dentro e fora do âmbito literário, é capaz de influenciar gostos e predileções sobre sua obra - quanto maior for o seu (re)nome perante a crítica, mais credibilidade seus escritos possuirão. Sendo assim, no que tange às práticas apropriativas e ao empréstimo do nome de um autor para uma produção, “[...] não basta encontrar um bom texto; é preciso também encontrar um autor de peso, que empreste sua credibilidade ao recado” (Rónai, 2006, p. 21).

No campo literário, falar em apropriação textual é ainda ruidoso, pois a técnica parece sugerir, por inferência, para quem toma conhecimento da sua realização, que quem a executa não possui habilidade, “confiabilidade” ou prestígio suficiente para produzir por conta própria algo de “renome” ou “qualidade”. Isso se deve ao fato de ainda existir uma atenção maior voltada aos autores canônicos, em detrimento da emergência de autores contemporâneos que ainda tentam se destacar – sobretudo em meio social ou digital.

3. CLARICE NAS REDES

Desde criança procuro o sopro da palavra que dá vida aos sussurros.

(Clarice Lispector)

Clarice Lispector, nascida Chaya Pinkhasovna Lispector (1920-1977), foi uma escritora e jornalista ucraniana, naturalizada brasileira. Em sua carreira na literatura, tornou-se conhecida por seus romances que marcaram a literatura modernista no Brasil,

os quais se destacam **Perto do coração selvagem** (1943) e **A hora da estrela** (1977), publicado no mesmo ano da sua morte. Uma das mais aclamadas da sua geração, seus escritos são propagados, veemente, até os dias atuais, nos mais diferentes suportes e veículos de comunicação e informação.

A escritora, segundo os críticos, distinguia a sua escrita pelo seu caráter intimista presente na terceira geração do Modernismo brasileiro. Em seus textos, onde construiu o seu legado, ponte para a sua aclamação até a atualidade, era constante a utilização do foco no inconsciente das personagens ou da própria escritora, que frequentemente também realçava os sentimentos daqueles envolvidos nas suas tramas. Questões existenciais, de caráter conflitivo e muitas vezes embebidas de melancolia também eram traçados marcantes na escrita da autora canônica. Retratando um pouco da sua vida, ao falar da perda precoce dos pais e constante sentimento de desassistência emocional que parecia assolar a sua vida, denotando a forma como tais acontecimentos podiam se enveredar na sua escrita e através dela, Ruth Brandão (2006, p. 30) diz que:

Tal qual uma sombra fantasmática, essa “solidão” vai ganhando força pelo contexto cultural e familiar que cerca Clarice e atualiza a “falha de sua missão”, marcando seu destino à maneira de um selo de origem. Ao mesmo tempo, funciona como motor de sua escrita, saída possível encontrada por ela, e explicitada [...]: “Quem sabe se comecei a escrever tão cedo na vida porque, escrevendo, pelo menos eu pertencia um pouco a mim mesma”.

O perfil de Clarice Lispector endossa o que defende Roberto Reis (1992, p. 4), ao afirmar que “Uma obra clássica se enquadra como tal devido ao fato de consagrar-se pela permanência da escrita no segmento literá-

rio; ela se define como algo produzido por grandes escritores, passível de ser preservado para as próximas gerações”. O fato da escrita clariceana lançar tantos questionamentos sobre questões que ainda afligem o indivíduo contemporâneo corrobora para o fato de a sua autoria ter sido, de certa forma, estendida para o domínio das redes sociais, servindo de inspiração para a disseminação de textos apócrifos, supostamente assinados ou ditos pela escritora.

3.1 Rede social, autoria e (supostas) identidades

A rede social *Facebook* foi uma plataforma criada em 2004 pelo desenvolvedor americano (hoje CEO da empresa) Mark Zuckerberg, quando ainda era estudante de Harvard. Foi desenvolvida, inicialmente, para dar suporte aos estudantes que estavam migrando do ensino secundário e adentrando na vida acadêmica (Recuero, 2011 *apud* Lima; Santos, 2016). Na atualidade, a plataforma funciona como um meio digital de distribuição/circulação de informações, através dos perfis individuais dos usuários (Fumian; Rodrigues, 2012 *apud* Lima; Santos, 2016), que podem acessar páginas dedicadas a fins comerciais, pessoais, de pessoas públicas e sua atuação no segmento cultural, bem como perfis de outros indivíduos.

O *Twitter*, outra rede social utilizada como ferramenta para propagar produções textuais (de autoria verificada ou não), foi lançada em 2006 por Jack Dorsey (CEO da empresa, atualmente). Hoje, a plataforma conta com milhões de usuários ativos ao redor do mundo, sendo o Brasil o ocupante do segundo lugar em número de indivíduos ativos nessa rede. Cada usuário que possui um perfil na rede (com nomes de usuário começando pelo “@”) tem, ao seu dispor,

ferramentas comuns à maioria das redes sociais em vigor na atualidade. no caso do Twitter, especificamente, as principais são: a ferramenta do *tweet*, que funciona como uma publicação, de cunho privado ou público, de acordo com o interesse do usuário, podendo ser composto de textos e diversos recursos multimídia (fotos, vídeos, imagens disponíveis em domínio público ou montadas pelo usuário etc.); o *retweet*, que é uma espécie de compartilhamento de *tweets* de usuários comuns ou de pessoas públicas; o *follow*, que permite que os usuários filtrem seu interesse nas informações compartilhadas pelas pessoas ou páginas que seguirão, e isso fará parte das informações que chegarão aos perfis ao abrirem a página da rede; e as *hashtags*, que funcionam como palavras-chave para ampliar o alcance sobre determinado assunto, o que pode evoluir para os *trending topics* - em tradução, os tópicos em tendência, o “hall” dos assuntos mais comentados/publicados nessa rede social.

O *Pinterest* é uma rede social mais focada no compartilhamento de imagens que podem vir a inspirar ou a influenciar o usuário de diversas maneiras. Criada por Ben Silbermann em 2010, a rede possui um *layout* acessível para interação e manipulação e reúne imagens dos mais diversos gêneros, relacionadas com perfumaria, gastronomia, estética, hobbies, entretenimento, entre outros. Cada usuário cadastrado na plataforma pode ter acesso às imagens, geralmente reunidas em um perfil específico, e adicioná-las, individualmente, à sua coleção, que se refere ao repertório de predileções do indivíduo, para consumir ou até se entreter.

Estar usufruindo das informações veiculadas em rede social, ambiente em que

circulam as mais diversas informações de forma massiva e simultânea, possibilita ao usuário uma relevante despreocupação na verificação dos nomes que assinam imagens e textos que são destinados abundantemente para leitura e apreciação. Essas informações estão ao alcance dos internautas, oriundas, muitas vezes, de fontes diversas e não verificadas, o que propicia a pertinência da averiguação de questões relacionadas à autoria.

A existência de publicações cuja autoria é posta em questionamento, sobretudo em meio virtual, como as desse estudo, elenca uma série de problemáticas dentro e fora do âmbito literário, principalmente ao se tratar de uma pessoa pública presente nesse segmento, dentre as quais se destaca o aval para a apropriação do seu “nome de autora”, para a circulação de textos apócrifos ou a discussão sobre até que ponto – se isso for passível de delimitação – é permitido obter privilégios (de qualquer natureza ou ordem) a partir da propriedade intelectual de outra pessoa.

Diante da discussão apresentada, a análise a seguir se ocupará de visualizar de que forma acontece a recepção desse tipo de publicação em páginas selecionadas do *Facebook*, *Pinterest* e *Twitter*, nas quais supostamente circulam mensagens e frases proferidas ou escritas pela autora canônica Clarice Lispector, por parte dos usuários que interagem com elas – e quem ou o quê as publica - através dos mais diversos tipos de ferramentas disponíveis em meio *online*, pois “[...] são através destas ferramentas que os usuários podem interagir, dialogar e expor suas opiniões ou preferências” (Lima; Santos, 2016, p. 14) e crenças.

3.2 Notas sobre a “presença” de Clarice em meio digital

Figura 01 – Post da página “Frases e pensamentos de Clarice Lispector”



Fonte: Facebook - Frases e pensamentos de Clarice Lispector (20-?).

A imagem acima corresponde ao primeiro texto a ser analisado, supostamente de autoria da escritora Clarice Lispector. A frase contida na imagem foi publicada na página “Frases e pensamentos de Clarice Lispector” em 2012, que hoje ainda conta com 139.865 pessoas “curtindo”, ou seja, acompanhando as publicações através das notificações enviadas para elas. De um universo de 30 (trinta) comentários na publicação, os acima selecionados permitem analisar como os leitores podem se identificar com o texto veiculado.

O fragmento de texto em questão está em circulação na internet há pelo menos uma década. Por se tratar de uma frase de motivação, cujo impacto é notável para o leitor, é compreensível que comentários como os que estão em destaque sejam feitos pelos leitores, ao dizerem que “essas palavras caíram como uma luva” ou que o fragmento era exatamente o que estavam buscando ler ou ouvir naquele momento. Segundo Cora Rónai (2006, p. 31),

Nada interessa tanto a um ser humano como outro ser humano. Nada diverte tanto um ser humano quanto saber que outro ser hu-

mano passou por aflições semelhantes às suas, teve os mesmos aborrecimentos, [...] sobretudo se o colega de desgraças for um nome conhecido.

A mensagem do texto não é questionável, se não fosse o fato de se tratar de um texto de autoria de Pâmela Rugoni Belin (Recanto das Letras, 2012). É atribuído à Clarice de forma frequente em diversos outros sites, apesar de não se ter conhecimento de ser encontrado em qualquer obra ou outro escrito da autora. Pelo senso comum, imagina-se que os escritos da autora tenham uma roupagem específica, uma fórmula pronta geralmente atribuída a temática de frases de impacto e existenciais; por isso, não raramente encontram-se, até em outros domínios de internet, frases equivocadamente atribuídas a ela por se aproximar da temática supracitada.

No que diz respeito à forma com a qual o leitor visualiza esses textos, muitas vezes embebidos de práticas apropriativas (sem o conhecimento do leitor), é preciso ressaltar que a recepção de textos literários funciona como uma cadeia de produção de sentidos (Oliveira, 2015). Todo leitor, a partir de lei-

turas e vivências particulares, acumula um repertório de escritas que permeiam as suas expectativas perante leituras a serem realizadas e outras que não terão sua aceitação. Dessa forma, é possível elencar que, pelo segmento de autoria canônica historicamente estabelecida no meio literário, há de se esperar que o leitor, costumeiramente, modele suas expectativas em torno de um texto mediante o nome do autor que o assina. O leitor aqui retratado é aquele que, muitas vezes, conhece a autora diante dos textos que se depara na internet assinados “por ela”, e assim vai construindo a sua expectativa sobre o que lerá.

Apesar de delimitar a utilização da rede social através de perfis de pessoas da esfera comum ou pública, não há garantia, a princípio, de que algo que foi publicado nesse ambiente virtual seja da autoria da pessoa por trás de um determinado nome de usuário ou de uma página que leva o

nome de uma escritora. Nos últimos anos, a política de privacidade do site deu conta de requerer que usuários de perfis pessoais utilizassem nomes e sobrenomes próprios que os algoritmos pertinentes ao sistema pudessem reconhecer como “autênticos”, a fim de tentarem se assegurar de que não se tratavam de pessoas forjando identidades ou de algum produto de inteligência artificial, em um ambiente já bastante conhecido por agregar identidades difusas, em que circulam, com mais fluidez, opiniões, pareceres e informações de caráter duvidoso.

Em outras palavras, é relativamente fácil, em nível burocrático, na era digital contemporânea, apropriar-se do nome e até da imagem de outrem (muitas vezes disponível em domínio público) para propagar palavras soltas, ideias do senso comum ou até frases e demais produções textuais proferidas por outro indivíduo.

Figura 02 – Segundo post da página “Frases e pensamentos de Clarice Lispector”



Fonte: Facebook - Frases e pensamentos de Clarice Lispector (20-?)

A imagem acima também foi retirada da página analisada anteriormente. A publicação traz consigo, ao fundo, a imagem da

cantora colombiana Shakira, que em nada se relaciona com o contexto e o texto que acompanha a postagem, a não ser se conso-

lidando como um produto funcional em um contexto de produção gráfica por programa prévio de “montagen”. Nos comentários dos leitores, selecionados de um universo de 8 (oito) comentários, assim como na publicação anterior, é possível perceber que atestam a verdade e a autoria do escrito, concordando através uma espécie de identificação pessoal, com a menção de um dos usuários que afirma “é assim que eu sou”.

De acordo com o estudioso Michel Schneider (1990), ao autor cabe a superação da angústia de influenciar o outro. No caso de Clarice, quando não mais a angústia lhe cabe, resta a utilização do seu nome em textos diversos, refletindo a sua influência, ainda viva, como consequência do seu legado, o que confere prestígio a eles, se tratando de uma escritora de pomposidade, para quem já construiu uma perspectiva de como consistiria o traçado temático das suas obras. Para os leitores que se deparam com a sua escrita de forma exígua, tem de se admitir, afinal, os

Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses muito diversificados que os diferentes grupos de leitores investem na prática de leitura. Dessas determinações que comandam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos de formas diferentes por leitores que não partilham as mesmas técnicas intelectuais, que não mantêm uma mesma relação com o escrito, que não atribuem nem a mesma significação nem o mesmo valor a um gesto aparentemente idêntico: ler um texto (Cavallo; Chartier, 1998, p. 6-7).

O texto em questão na publicação, de caráter intimista e com uma semantização moral, apesar de apresentado de uma forma confusa pela imagem atribuída a ele, se trata, de fato, de um texto de Clarice Lispector. O fragmento faz parte de uma carta direcionada à sua irmã, Tania Kaufmann, no con-

texto de felicitações pelo ano novo de 1948 (Revista Prosa Verso e Arte, 2015). À primeira vista, o texto gera desconfiância, pois se mescla a tantos outros, na mesma página, selecionados de forma aleatória para o público. A carta na qual é possível identificar o fragmento supracitado encontra-se, na íntegra, no livro **Correspondências**¹, organizado por Teresa Montero.

Figura 03 – Imagem do Pinterest



Fonte: Pinterest (20-?).

À imagem acima, retirada do Pinterest, é possível atribuir à temática da autoria ao advento do escárnio. Trata-se de um discurso *post mortem* da autora, mostrando indignação com o descaso acerca da existência de publicações em rede social que levam o seu nome de forma indevida; mais do que isso, a difusão através do compartilhamento desses textos, o que fomenta uma espécie de rede de confiabilidade acerca daquela assinatura. Pelo senso comum, se muitos usuários difundem aquela informação, há

1 – Clarice Lispector – **Carta**, em **Correspondências**, de Clarice Lispector [organização Teresa Montero]. 1ª ed., – Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

grandes chances de se tratar de uma fonte autêntica. Afinal,

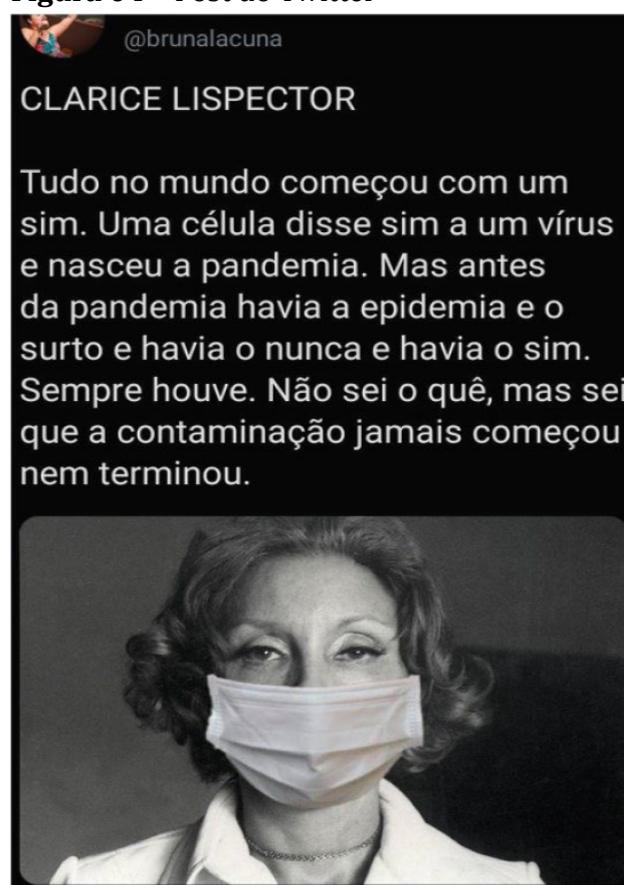
[...] o ato de ler, longe de configurar uma prática passiva, subserviente, emerge aqui em seu caráter produtivo e, por certo, irreverente: ler é desafixar a identidade de um texto e proceder por deslocamentos, anacronismos, pelo jogo das “atribuições errôneas” (Borges, 1999, p. 57 *apud* Oliveira, 2016, p. 125).

No panorama da produção literária, Iser (1979, p. 107) já destacava que “Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo”. Na perspectiva da semantização empreendida pelo leitor, é admissível que, mesmo os verdadeiros autores ou demais ferramentas (como veículos ou produtoras) por trás de textos apócrifos possuam propósitos para veicular textos – por conta própria ou não – com uma autoria que não seja a verdadeira. Quanto a isso, Rónai (2006, p. 15) elenca alguns possíveis contextos para essa difusão, como “[...] a vontade irrefreável de espalhar conselhos [...] entre o maior número possível de pessoas, aliada à ignorância e a um senso peculiar do que é direito autoral”. Dessa forma, é indiscutível destacar que a possibilidade de tornar um texto amplamente conhecido é muito maior quando se trata de uma produção atribuída a um(a) autor(a) canônico(a), pela função autor que ele(a) ocupa.

A autoria do texto ao lado, retirado da rede social Twitter, é de Bruna, usuária da rede, cujo nome está em destaque na imagem. Ela é professora de literatura e usuária responsável pela página e pela postagem, que admitiu, em seu Twitter, fazer uma *thread* – uma sequência de *tweets* falando sobre o mesmo assunto – somente com textos que poderiam ser elaborados por autores canônicos da literatura brasileira diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)

que assolou várias partes do mundo desde o final de 2019. Além do texto, encontra-se uma foto de Clarice Lispector, visivelmente editada por inteligência artificial, com uma máscara de proteção para evitar o contágio pelo vírus, fazendo jus ao contexto do texto-relato. O “risco” de se estabelecer práticas de produção textual como essas é admitir que “[...] qualquer coisa, escrita por qualquer um, com qualquer nome na etiqueta, pode ser lançada no ciberespaço [...] e ser lida por milhões ao redor do mundo” (Rónai, 2006, p. 13).

Figura 04 – Post do Twitter



Fonte: Twitter (20-?).

No caso da imagem em questão, por se tratar de uma espécie de adaptação do estilo de escrita de alguns autores canônicos para fins de entretenimento, a exemplo de Machado de Assis, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, entre outros, é de conhecimento do público que dispõe desses

recursos que não se trata de uma autoria autêntica. Nesse contexto, a produção foi proposital e atende às expectativas de um determinado público que usufrui das ferramentas da rede e acompanha a usuária em questão - a qual, inclusive, é conhecida por elaborar esse tipo de adaptação para as mais diversas temáticas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Schneider (1990, p. 43), em uma perspectiva mais drástica e crítica acerca do território do autor e da autoria, migra a discussão para um ponto, muitas vezes, desconfortável para quem reivindica a existência da propriedade intelectual, quando diz que “[...] o próprio autor é só uma personagem do século dezenove. Gozando de direitos, exercendo uma propriedade, se beneficiando de um prestígio, ele tem [...] sua obra [...]”. De outra forma, explicita que, por diversos aspectos, a discussão sobre o território do autor fica em segundo plano, por se tratar de uma invenção “recente” no contexto historiográfico literário. O tocante seria a mensagem veiculada e o efeito que causa ao leitor no ato da leitura. O que o autor poderia reivindicar para si depois dessa tarefa, afinal?

As publicações com (falsa) autoria da escritora Clarice Lispector, disponíveis nas páginas do *Facebook*, *Twitter* e *Pinterest* são respaldadas por um comportamento de identificação e interação com um produto cultural consumido - o texto - e denunciam “[...] um modo de leitura que rompe o isolamento e a distância do escritor e o situa no espaço de uma interpelação permanente [...]” (Oliveira, 2015, p. 144).

Em alguns comentários da rede *Facebook*, é visível o quanto o usuário leitor se sente próximo à autora que está “assinan-

do” aquele texto, ao assumir que Clarice Lispector disse tudo que ele (a) queria ouvir ou ler, ou que aquele escrito denuncia algo parecido ao que está ocorrendo na vida do (a) leitor(a), ainda que a autora não tenha, de fato, dito ou escrito aquilo. Passa a ser irrelevante, de certa forma, o levantamento de questões como “Quem escreve, o autor ou o outro?” (Schneider, 1990, p. 37). Dessa forma, em alguns momentos, parece não ser necessário para o usuário, ao se deparar com produções com as quais se identifique em rede social, investigar ou pesquisar se se trata daquela autoria ali retratada ou de outro escritor/outra fonte, pois é mais importante sentir-se contemplado pela mensagem do texto em seu caráter catártico e validar uma proximidade, ainda que metafórica, de uma autora canônica (e) morta. Conforme dissertam Mauro Gaspar e Frederico Coelho (2005, p. 14), “Vozes não de espectros, mortos e tornados ruínas do discurso, mas de produtores que permanecem vivos na escrita”.

A disseminação de frases em meio virtual, supostamente proferidas pela escritora canônica, possibilita que uma camada de leitores, a qual pode não conhecer ao menos uma obra escrita por ela, desperte a curiosidade ou tenha a oportunidade de conhecer (mais) o seu trabalho através de outras alternativas, como a pesquisa por suas produções em domínios confiáveis (os quais assegurem, de fato, a sua autoria) ou até a aquisição de um livro físico.

A veiculação de informações e textos dos mais diversos gêneros e para os mais diversos propósitos em massa sugere a reflexão acerca da confiabilidade do que se lê em meio virtual, e possibilita pensar de que maneira uma autoria falsamente atribuída a alguém pode levantar questões acerca da credibilidade do que está posto na Internet

e dos caminhos que podem ser percorridos pelas ferramentas tecnológicas/plataformas digitais.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica.../A_morte_do_autor_barthes.pdf. Acesso em: 30 abr. 2018.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. 3 ed. São Paulo: Globo, 1999.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. Universidade Federal de Goiás: **Revista de Teoria da História**, Ano 1, nº 3, junho/2010.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **A vida escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. **SIGNUM: Estud. Ling., Londrina**, n. 11-2, p. 67-81, dez. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3042/2585>. Acesso em: 22 abr. 2018.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. Debate – Literatura e História. Conferência proferida por Roger Chartier, em 5 de novembro de 1999, no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 197-216.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. In: **Estudos Avançados**; Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Trad. Jean Briant, São Paulo, 2010, v. 24, n. 69. pp. 7-30. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510/12252>. Acesso em: 25 jan. 2020.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 2002.

FRASES E PENSAMENTOS DE CLARICE LISPECTOR.

Disponível em: <https://www.facebook.com/Frases3Pensamentos/photos/a.307739759245155/514814951870967/?type=3&theater>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FRASES E PENSAMENTOS DE CLARICE LISPECTOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/Frases3Pensamentos/photos/a.307739759245155/578862708799524/?type=3&theater>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FUMIAN, Amélia Milagres; RODRIGUES, Denise Celeste Godoy de Andrade. O Facebook enquanto plataforma de ensino. In: **UTFPR - III Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia- PPGECT. Ponta Grossa, set. 2012.

GASPAR; Mauro; COELHO, Frederico. **Invasores de corpos**: Fotogramas da escrita sampler. Copacabana, 31 de maio de 2005.

ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 105-118.

LEMINSKI, Paulo. O autor, essa ficção. In: **Ensaio e anseios críticos**. Campinas – SP; Editora da Unicamp, 2011.

LIMA, Lisiane Ferreira de; SANTOS, Rafael Augusto Penna dos. A literatura potencializada pelas redes sociais: um novo olhar sobre a leitura e escrita nos dias atuais. In: **RehuTec: Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, v. 6, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.fatecbauru.edu.br/ojs/index.php/rehutech/article/view/232/196>. Acesso em: 21 mar. 2020.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Título original: Why this world. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MUKAROVSKY, Jan. A personalidade do artista. In: **Escritos de estética e semiótica da arte**. Trad.: Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. **Aos cuidados de Paulo Coelho.com**: um estudo de recepção nos blogs do escritor. Salvador: EDUFBA, 2015.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. Pierre Menard vai à web: notas sobre a escrita não-criativa na contemporaneidade. In: **Texto Digital**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 12, n. 2, p. 124-144, jul./dez. 2016.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: **Flores da escrivinha**. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.

PINTEREST. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/126171227039099806/>. Acesso em: 20 jul. 2019.

RECANTO DAS LETRAS. **Falsas atribuições**: Clarice Lispector e o que é mesmo dela. Enviado por Rosangela Aliberti. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/3560471>. Acesso em: 25 mar. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REIS, Roberto. Cânon. In: **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3007/C_NON_-_roberto_reis.pdf. Acesso em: 01 mai. 2018.

REVISTA PROSA VERSO E ARTE. **Uma bela e instigante carta de Clarice Lispector para a sua irmã Tania Kaufmann**. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/uma-bela-e-instigante-carta-de-clarice-lispector-para-a-sua-irma-tania-kaufmann/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

[revistaprosaversoarte.com/uma-bela-e-instigante-carta-de-clarice-lispector-para-a-sua-irma-tania-kaufmann/](https://www.revistaprosaversoarte.com/uma-bela-e-instigante-carta-de-clarice-lispector-para-a-sua-irma-tania-kaufmann/). Acesso em: 25 mar. 2020.

RÓNAI, Cora. **Caiu na rede**: os textos falsos da internet que se tornaram clássicos de Millôr Fernandes, Luis Fernando Veríssimo, Arnaldo Jabor, João Ubaldo Ribeiro, Caetano Veloso, Jorge Luis Borges, Carlos Drummond de Andrade, Gabriel García Márquez e muitos outros. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise, e o pensamento. Tradução: Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/brunlacuna/status/1242145325923565568>. Acesso em: 23 mar. 2020.

VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever**: literatura e apropriação no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

*Recebido em: 30/09/2024
Aprovado em: 24/10/2024*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.